

**Resenha de
SPINELLI, Miguel. *Epicuro e as bases do epicurismo*. São Paulo: Paulus, 2013**

DISCURSO E TEORIA DO CONHECIMENTO NO EPICURISMO

Dagmar Manieri*

Nos últimos anos tem surgido no campo da reflexão filosófica uma plêiade de intelectuais que desafiam o exclusivismo da excelência dos grandes centros. Esse é o caso específico do professor da Universidade Federal de Santa Maria, Miguel Spinelli, que tem produzido algumas obras de grande interesse para a filosofia e demais campos do saber. *Epicuro e as bases do epicurismo* é mais uma grande obra deste eminente pesquisador.

A obra referida acima está subdividida em duas partes. A primeira, estuda a “tríplice divisão” da doutrina de Epicuro (Canônica, Física e Ética); já a segunda, investiga os “pressupostos teóricos da canônica de Epicuro”. Inicialmente, há de se ressaltar duas características (formais) evidentes em Spinelli. Todos os termos em grego são amplamente esclarecidos. Isto é uma característica positiva, pois muitos leitores não são especialistas no referido objeto. Grande parte são alunos ou leigos no assunto. Daí por que a obra deve possuir um caráter pedagógico, sem perder a devida profundidade. Outra característica positiva da obra é seu estilo direto, claro. Por se tratar de uma obra de filosofia, a simplicidade e clareza são virtudes intelectuais. Isto contrasta, por exemplo, com o estilo de Lebrun, especialmente em *Kant e o fim da metafísica*. Lebrun tem uma forma de discurso filosófico que aprofunda uma problemática filosófica. Isto é uma forma exegese filosófica que Spinelli não utiliza.

Quanto ao conteúdo de *Epicuro e as bases do epicurismo*, o autor procura apreender a coerência da filosofia de Epicuro. Esse detalhe é importante, pois esta “coerência” propiciará uma ampla comparação diante dos inúmeros intérpretes do epicurismo. Aqui, um dos valores da obra de Spinelli: o pesquisador nos mostra, em uma abordagem crítica (não deixando de tomar posição) um conjunto enorme de intérpretes. Já em referência ao epicurismo, há uma boa conclusão de Spinelli:

De nossa parte, diremos que toda a doutrina de Epicuro é uma canônica. Sob o título de uma Física (de uma *Peri phýseôs*), a doutrina de Epicuro se resume nisto: em um preceituário canônico relativo ao modo ou modos humanos de se relacionar consigo mesmo e com o mundo, modos de acessar, conhecer ou entender a si mesmo e o mundo (SPINELLI, 2013, p. 108).

Esse discurso direto de Spinelli não elimina as grandes dificuldades que enfrenta por toda a obra. Se a filosofia é a arte de pensar os limites, os princípios e fundamentos das coisas, então qual o limite em Epicuro? Onde estão os paradoxos? Que errância saldável incorre o pensador grego?

No epicurismo a filosofia, bem ao estilo grego, traduz-se como uma forma de vida. Por isso Epicuro intenta, acima de tudo, esclarecer sobre a “realidade do desconhecido” para resolver o

*Graduado em História pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre e Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor Adjunto III do Colegiado de História (Araguaína) da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Membro do Mestrado Profissional em Ensino de História da UFRJ (PROFHISTÓRIA), na Instituição Núcleo da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Membro do Programa de Pós-Graduação “Estudos de Cultura e Território” da Universidade Federal do Tocantins (UFT). É Editor da Revista *Escritas*, do Colegiado de História (Araguaína) da UFT. E-mail: dagmarmanieri@bol.com.br

mito que nos assalta. Uma vida serena e feliz implica, para Epicuro, estar desvencilhado do mito. Portanto, a teoria do conhecimento em Epicuro está em função de um modo de vida.

Epicuro vive em uma época, como bem ressalta Spinelli, de pessimismo histórico: “(...) declínio e (...) dominação estrangeira de Atenas” (Idem). Isso talvez possa explicar a perda (nesta época) do grande ideal de homem, tão intensa em Platão e Aristóteles, por exemplo. O homem, agora, deve averiguar o que é para buscar o que pode ser. O que parece evidente é que não temos mais a força da comunidade (*pólis*); em seu lugar emerge a natureza. Ser feliz e estar em paz são formas de ter uma boa relação “consigo mesmo” e com “a própria natureza”. Daí o termo *autárkeia*, que Spinelli traduz como “o conhecimento de si mesmo” (Ibid., p. 82) e o “cuidado de si, do voltar-se e do enfrentar a si mesmo em favor de si mesmo, e, por consequência, do bem-estar geral da comunidade, (...)” (Ibid., p. 46).

Sem a *pólis* independente que indicava um espaço social indispensável à felicidade humana, agora Epicuro conclama a serenidade e a paz interior. Há um anseio à libertação: “Viver possuído de medos e de angústias, com a mente desequilibrada por temores e mitos, com o arbítrio subjugado, sem serenidade e paz necessárias para o autorreconhecimento e cuidado de si, isso não é viver livre ou humanamente” (Ibid., p. 107). Assim a *autárkeia*, que surge da libertação, implica a ausência da *deisidaimonía* (o temor supersticioso frente aos deuses). Mas, com essa libertação, não há o perigo de nos deixarmos levar pelos prazeres? Em resposta, Epicuro explica que o homem deve obedecer a natureza, mas sem excesso. Spinelli deixa claro que no epicurismo o conhecimento de si mesmo antecede o conhecimento das coisas. Há um controle da natureza, “sem nos depravar”. Assim, o próprio conceito de natureza parece induzir um natural controle de suas forças: “(...) a nós se impõe como necessário ou devido – devido, porque o que é moderado, não é, afinal, o que a todos espontaneamente mais agrada” (Ibid., p. 73). Essa forma de se situar, sem “violentar a natureza” é o *kanôn*. Se a natureza é a norma, conclui-se que por meio desta última devemos saber conduzir o prazer (*hedonê*) e o pensar (*phronesis*). Por isso, a própria “natureza vem a ser o *kanôn* (norma ou modelo)”.

Outra atenção que a obra de Spinelli promove refere-se à teoria do conhecimento em Epicuro. Aqui, provavelmente, o tema mais difícil de ser analisado na obra. Em Epicuro as sensações são entendidas como o “lugar onde se certifica (confirma ou não confirma) a veracidade (em termos de verdade ou realidade) do saber”. Passagem importante, pois neste instante surge o termo *enargéia* (evidência):

Ora, é a evidência do ponto de vista de Epicuro, que define o critério. Melhor dizendo: é a força da evidência que dá às *phantasíai* da mente a condição de critério e, assim, juntos, *enargéia*, *energeia* [força, vigor] e *kritêrion* compõem uma mesma questão: aquela segundo a qual existem forças naturais que se impõem na condição de critério, e que agem sobre nós, mediante uma evidência específica (Ibid., p. 135).

Então, os sentidos não são a fonte de conhecimento. São “perceptos, que para nós, são sempre claros, precisos, detentores de uma realidade indiscutível”. Se o Real é constituído de átomos, essa verdade está inacessível ao homem. Mas isto não invalida o conhecimento. Epicuro crê que não há outro meio de termos acesso racional às coisas senão pela via simbólica ou pelo discurso. Essa forma de conhecer não expressa o que a coisa é, mas o que os sentidos (na referência à coisa) percebem como é a coisa. Observar, neste caso, como Epicuro rompe com o idealismo platônico, sem deixar de constatar o poder da razão. Surge, neste contexto, um termo de difícil tradução: *epibolês*.

Miguel Spinelli percorre os grandes intérpretes de Epicuro e analisa as várias interpretações das *epibolês*. Ela pode ser entendida como “projeções imaginativas” amplamente utilizadas pelos epicureus e que, segundo Spinelli, surgem duas vezes em Epicuro como *phantastikê epibolêtês dianoías*. As *epibolês* não podem ser entendidas só como um elemento do processo de conhecer, mas uma “capacidade imaginativa humana”. Ela traduz “uma sobreposição do intelectual sobre o percepto sensível”.

Ressaltamos apenas alguns exemplos da riqueza de análise de Miguel Spinelli. Para concluir essa resenha, vamos destacar três observações de ordem crítica. Primeiro, em relação às *epibolês*. Ernst Cassirer em *A filosofia das formas simbólicas* concebe o signo como elemento que possui esse poder de dar sentido às coisas. O que a teoria das *epibolês* do epicurismo contribuiu para a teoria dos signos de Cassirer? Essa questão merece um aprofundamento, algo que provaria a importância, hoje, das *epibolês*.

A segunda observação crítica refere-se à ausência de J-J Rousseau. Em diversas passagens de *Epicuro e as bases do epicurismo* a natureza surge como um elemento importante para se atingir a *ataraxia* (paz, serenidade). Rousseau teria sido influenciado pelo epicurismo ou seu naturalismo apresenta outra fonte?

A última observação é mais complexa. Se a filosofia de Epicuro é tão cuidadosa ao se evitar o mito, pois fundamenta a evidência no sensível, como explicar a afirmação do filósofo de que existem deuses, explicando, inclusive, como “vivem”? Spinelli procura responder a essa indagação, citando uma afirmação de Epicuro que ressalta que a natureza “não depositou nas almas a ideia de que existem deuses, e sim noções que se aplicam (somente) aos deuses, (...)” (Ibid., p. 212). E as evidências de tal ideia? Para ser coerente, não seria melhor Epicuro afirmar, assim como em Protágoras: “(...) sobre os deuses, não estou em condições de provar sua existência ou inexistência fenomênica, nem qual é sua essência em relação à sua manifestação exterior. De fato, muitas são as dificuldades que impedem essa prova, não somente a impossibilidade de uma experiência sensível deles, mas também a brevidade da vida humana” (Apud UNTERSTEINER, 2012, p. 59, 60). Para Epicuro, segundo Spinelli, são as *prólepsis* (prenoções) que explicam a existência dos deuses. As *prólepsis* designam um significado primeiro, elementar, consensual e geral das coisas. Mas, além dessa explicação de Spinelli, não seria importante uma crítica a Epicuro? Eis o máximo que Spinelli alcança nesta questão: “O curioso dessas proposições de Epicuro a respeito do critério das evidências é que elas não se aplicam à existência dos deuses. Epicuro os dá por existentes, e ponto final” (SPINELLI, 2013, p. 167). Spinelli constata a contradição, mas não a explora. Sem dúvida um respeito ante a grandeza de Epicuro e seu valor para o pensamento ocidental.

De resto, pode-se acrescentar que as notas-de-rodapé são comedidas. Só há uma de forma exagerada, na página 129. *Epicuro e as bases do epicurismo* é uma grande contribuição aos estudos da filosofia antiga e das teorias do conhecimento de ordem geral. A obra pode, também, servir como uma mediação importante para a compreensão de autores como J-J Rousseau e Ernst Cassirer, nas reflexões sobre a natureza (em Rousseau), bem como sobre o poder do mito, da arte e da linguagem (em Cassirer).

Referências

- CASSIRER, Ernst. *A filosofia das formas simbólicas I (Linguagem)*. Trad. Marion Fleischer. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LEBRUN, Gérard. *Kant e o fim da metafísica*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- SPINELLI, Miguel. *Epicuro e as bases do epicurismo*. São Paulo: Paulus, 2013.

UNTERSTEINER, Mario. A obra dos sofistas: uma interpretação filosófica. Tradução Renato Ambrósio. São Paulo: Paulus, 2012.